AUTORES.COM.BR

andrepomponet

Crônicas Postado em Jan 24, 2021

A literatura contundente de Carolina Maria de Jesus

“2 DE JUNHO Amanheceu fazendo frio. Acendi o fogo e mandei o João ir comprar pão e café. O pão, o Chico do Mercadinho cortou um pedaço. Eu chinguei o Chico de ordinário, cachorro (...) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal”.

O trecho acima é do livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Foi lançado em 1960. Está completando, portanto, 60 anos. Li-o não faz muito tempo: há um ou dois anos. Considero-me um leitor experiente: há décadas dedico-me à leitura e à escrita profissional. Até me debruçar sobre a obra – tive acesso a uma versão da primeira edição, em formato .pdf – julgava que pouca coisa poderia me surpreender, pelo inusitado, em matéria literária. Pois bem: aquela obra me desconcertou. Li, com voracidade, em duas noites, em casa.

O fio condutor do livro é a luta para conseguir comida na cidade de São Paulo, de meados da década de 1950. Transbordando em cada linha dessa epopeia, há a vida. Carolina catava papelão, metal, qualquer coisa que se transformasse em parcos cruzeiros para alimentar-se e alimentar os três filhos. Vivia num barracão numa favela às margens do rio Tietê, no Canindé, na Zona Norte paulistana. Com as obras para a construção da Marginal, a favela foi extinta.

Quem a descobriu foi o jornalista Audálio Dantas, que apareceu ali para fazer uma matéria sobre a favela. Apresentado à autora e a seus diários, os escritos crus de Carolina originaram a reportagem. Dela, saltaram para o livro de estreia – Quarto de Despejo – que alcançou sucesso imediato. Nos anos seguintes a primeira escritora negra brasileira lançou outros livros, experimentou o sucesso e algum conforto material, embora efêmero. Morreu em 1977, praticamente esquecida, numa chácara que conseguira comprar no extremo da Zona Sul da capital.

cálido, nada do poético passava despercebido. Nem mesmo as garoas persistentes e os dias cinzentos, que a desanimavam. Afinal, aquilo a impedia de deslocar-se pelas avenidas Tiradentes ou Cruzeiro do Sul para recolher recicláveis.

Soube que críticos literários polemizaram tentando enfiá-la numa dessas bainhas ideológicas que fazem tanto sucesso hoje. E que, naqueles tempos, faziam também, óbvio. Carolina de Jesus, nesse aspecto, aproximava-se muito do pobre, do favelado médio que até hoje viceja pelas periferias e bolsões de pobreza brasileiros: alimentava fugazes encantamentos, que costumam ser sucedidos por amargas desilusões. Há muito disso, sobre os políticos, no seu livro de estreia.

Há muitos outros aspectos da obra da escritora mineira – ela nasceu no interior de Minas Gerais – que podem ser explorados. É inútil tentar esgotá-la num texto curto, de vigor efêmero. Mas é necessário ressaltar que Carolina de Jesus e sua literatura incandescente permanecem vivas até hoje. Sobretudo nos tormentosos momentos que o mundo – e, particularmente, o Brasil – atravessam.

Vale a pena revistar Carolina Maria, reler – ou ler, mesmo que em .pdf, já que seus livros estão esgotados – Quarto de Despejo nesse aniversário de 60 anos. É a crônica contundente de um Brasil do passado que eterniza-se no presente e que, se vacilarmos, vai se perpetuar futuro afora...

Curtir 0 Compartilhar 0 Salvar

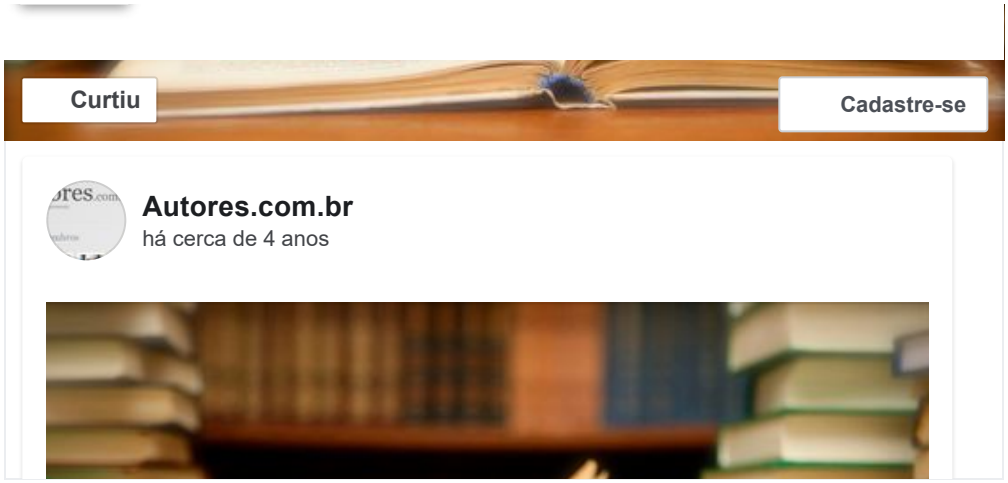
Anterior Próximo

Atualizado em: Qui 28 Jan 2021

Deixe seu comentário

É preciso estar "logado".

CURTIR NO FACEBOOK



Autores.com.br
Curitiba - PR

webmaster@number1.com.br

AUTORES.COM.BR

WhatsApp (41) 99115-5222

desenvolvido por number1.com.br